

**Sobre a noção de sentimento: um diálogo entre Schopenhauer e
Freud¹**
On the notion of feeling: a dialogue between Schopenhauer and Freud

ANA CAROLINA SOLIVA SORIA²

Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

VINÍCIUS FRATTA FRITZ³

Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

RESUMO

O presente artigo examina a possibilidade do conhecimento do que se dá em domínio inconsciente, a partir de aproximação entre a filosofia de Arthur Schopenhauer e a psicanálise de Sigmund Freud. Para tanto, a noção de sentimento [*Gefühl*] é reconhecida como aquilo que contempla o que não se restringe ao racional e conceitual. Inicialmente, justifica-se essa interlocução por razões históricas e teóricas, com ênfase à afinidade do pensamento dos autores quanto à crítica aos limites da razão, da consciência e da representação. Em Schopenhauer, o sentimento é compreendido como o oposto do conhecimento abstrato, forma imediata e fundamental da apreensão intuitiva da realidade, e desempenha papel central em sua teoria do conhecimento. Na contemplação estética, viabilizada pelo sentimento de satisfação, é possibilitado o acesso às Ideias, o que configura modo privilegiado de conhecimento para além do fenômeno. Em Freud, é a análise dos sentimentos inconscientes que auxilia o desvelamento do funcionamento anímico profundo, de modo que sua metapsicologia deve se ocupar daquilo que está para além dos limites da representação consciente. Conclui-se que, apesar das diferenças entre seus projetos teóricos, ambos os autores reconhecem no sentimento e na intuição caminhos privilegiados para apreensão do essencial dos fenômenos que investigam, de modo que a atividade artística oferecerá o paradigma epistemológico para enfrentamento dos limites do conceito e da representação.

Palavras-chave: Freud. Schopenhauer. Inconsciente. Vontade. Pulsão. Estética.

ABSTRACT

This article examines the possibility of knowing what occurs in the unconscious realm, based on an approximation between Arthur Schopenhauer's philosophy and Sigmund Freud's psychoanalysis. To this end, the notion of feeling [*Gefühl*] is recognised as that which contemplates what is not restricted to the rational and conceptual. Initially, this dialogue is

¹ Recebido em 21/03/2026. Aprovado em 29/04/2026.

² Professora Associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos.

³ Doutorando do PPGFil do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos e da FernUniversität Hagen em regime de Cotutela DAAD.



justified for historical and theoretical reasons, with an emphasis on the affinity between the authors' thinking regarding criticism of the limits of reason, consciousness and representation. In Schopenhauer, feeling is understood as the opposite of abstract knowledge, an immediate and fundamental form of intuitive apprehension of reality, and plays a central role in his theory of knowledge. In aesthetic contemplation, made possible by the feeling of satisfaction, access to Ideas is enabled, which constitutes a privileged mode of knowledge beyond the phenomenon. In Freud, it is the analysis of unconscious feelings that helps to unveil the deep functioning of the psyche, so that his metapsychology must deal with what lies beyond the limits of conscious representation. It can be concluded that, despite the differences between their theoretical projects, both authors recognise feeling and intuition as privileged paths for grasping the essence of the phenomena they investigate, so that artistic activity will offer the epistemological paradigm for confronting the limits of concept and representation.

Keywords: Freud. Schopenhauer. Unconscious. Will; Drive. Aesthetics.

O objetivo do presente artigo é apresentar alguns elementos importantes para as argumentações de Schopenhauer e Freud, especialmente no que concerne à possibilidade de conhecer o que é inconsciente. Para tanto serão considerados o conhecimento daquilo que não se esgota meramente no campo da consciência, bem como modos de conhecer não mediados exclusivamente pela racionalidade, o que denota a dependência deste tipo de conhecimento da noção de sentimento [*Gefühl*]. É evidente que suas reflexões partem de pontos distintos, posto que Schopenhauer se ocupa da decifração do mundo, enquanto Freud intenta decifrar o funcionamento anímico. No entanto, existem interfaces conceituais específicas que podem ser pensadas a partir de suas obras, e empreender este tipo de exame dos conceitos oferece perspectiva ampliada dos mesmos, posto que, se suas similaridades permitem uma aproximação, suas diferenças alargam seu alcance. Ora, mas por que Freud e Schopenhauer?

Aqui, podemos recorrer a pelo menos duas justificativas principais, que dão razão a uma terceira. A primeira delas, de cunho histórico, diz respeito ao fato de Freud e Schopenhauer serem aproximados, na investigação filosófica, desde a primeira metade do século XX, como dá prova, por exemplo, o texto de Thomas Mann “*O pensamento vivo de Schopenhauer*”. Some-se a isto a volumosa publicação de artigos em revistas especializadas, bem como as dissertações e teses redigidas desde então, o que prova o constante interesse por tal aproximação bem como sua pertinência no âmbito da pesquisa. A segunda razão, que dá materialidade à primeira, deve-se ao fato da recepção de Schopenhauer ocorrer textualmente em Freud, uma vez que o psicanalista evoca os textos do “Buda de Frankfurt” em muitos de seus escritos decisivos. Em vista destas duas razões, parece possível então formular aqui uma terceira: a de que Schopenhauer, ao reelaborar conceitos e pressupostos oriundos da obra de Kant, acabaria por arar o terreno implicado pelo criticismo. Com isto, Schopenhauer viabiliza sua própria filosofia,

nutrida como organismo neste terreno agora rearranjado. Ao fazê-lo, oferecerá ainda recursos para pensadores vindouros, que também terão de lidar com os limites da razão, da consciência e da representação: Freud é um desses pensadores que cultivará seu sistema sob o terreno ora rearranjado por Schopenhauer.

Ao fazer tal afirmação, não é intuito do presente texto dizer que Schopenhauer antecipa a psicanálise, e menos ainda que sem a leitura de sua obra seja impossível compreender Freud: o pensamento de cada um destes autores constitui campo muito próprio, com circunscrições próprias e autonomia investigativa. Mais produtivo é reconhecer que a ciência proposta por Freud, profundamente enraizada nos saberes desenvolvidos no século XIX, se beneficia como também contribui com as questões e problemas então postos. Assim, aproximar o pensamento destes dois autores pode oferecer, para a pesquisa contemporânea, caminhos investigativos profícuos e esclarecedores no que concerne à relação entre subjetividade e conhecimento.

Feito este preâmbulo, passemos aos textos. A noção de sentimento, aqui sempre referida à palavra alemã *Gefühl*, ocupa em *O mundo como Vontade e Representação*, obra máxima da expressão do “pensamento único” de Schopenhauer, lugar bastante demonstrativo de sua importância na teoria do conhecimento proposta pelo autor. A apresentação do conceito de sentimento exerce clara função intermediadora entre a definição das intuições empíricas e dos conceitos abstratos, ou ainda, entre representação sensível e conceito, o qual nada mais seria que representação de representação. Atentemo-nos ao parágrafo 11 de *O mundo*:

Nesse sentido, o oposto propriamente dito [*der eigentliche Gegensatz*] do saber [*Wissen*] é o sentimento, oposição que merece aqui a sua explanação. O conceito que designa a palavra sentimento possui em realidade um conteúdo meramente negativo, noutros termos, designa algo presente na consciência que não é conceito, não é conhecimento abstrato da razão. Não importa o que isto seja, sempre cai sob a rubrica do conceito de sentimento, cuja esfera é extraordinariamente grande e, por conseguinte, abrange as coisas mais heterogêneas que só entendemos como se agrupam quando reconhecemos que coincidem unicamente neste aspecto negativo: não serem conceitos abstratos. Pois os elementos mais diversos, sim, *mais hostis* [*feindlich*], residem placidamente um ao lado do outro naquele conceito, como, por exemplo, o sentimento religioso, o sentimento de volúpia, o sentimento moral, o sentimento corporal enquanto tato e dor, o sentimento das cores, dos tons e sua harmonia e desarmonia, o sentimento de ódio, repugnância, auto-satisfação, honra, vergonha, justo e injusto, o sentimento da verdade, *estético*, de força e fraqueza, saúde, amizade, amor etc. etc. Entre eles não se encontra nenhum traço comum a não ser a qualidade negativa de não serem conhecimento abstrato da razão (Schopenhauer, 1819/2005, p. 100. Grifos nossos).

Tomado então como “oposto propriamente dito” [*eigentliche Gegensatz*], ou ainda como “oposto contraditório” [*kontraditorisches Gegenteil*], como assinala Schopenhauer no parágrafo subsequente, o sentimento assume, para o filósofo, o sentido daquilo que se faz presente na consciência, mas que não pertence diretamente à razão, por não ser representação

de representação - conceito -, uma vez que ao saber, *Wissen*, competem apenas conceitos. Nesta condição, o sentimento abarca elementos distintos, heterogêneos, até mesmo adversos, hostis uns aos outros - o que denota a palavra *feindlich*, oriunda de *Feind*, inimigo. Pelo simples fato de não ser conceito, toda uma gama diversa de sentimentos plurais e que coexistem apesar de seus traços contraditórios entre si é organizada sob a égide de uma negatividade conceitual. E, apesar de não ser ainda parte do pensamento abstrato, há, contudo, conhecimento atrelado ao sentir, a que Schopenhauer atribui grande valor: pelo fato de ter sua origem no que se apreende *in concreto*, o sentimento diz respeito à dimensão mais imediata do conhecer, menos sujeita ao erro que acompanha potencialmente todo raciocinar, e que parte das variações ocasionadas pela modificação operada pelos objetos mediatos sobre o objeto imediato da experiência, o corpo. Ou seja, quando se diz de qualquer conhecimento, afirma Schopenhauer (1819/2005, p. 100), de qualquer verdade, *da qual se está consciente apenas intuitivamente*, porém ainda não se formulou em conceitos abstratos, que se a sente. Sentir, então, é parte necessária de qualquer processo do conhecimento, seja ao ofertar material para posterior exercício abstrativo, racional, seja na auto-suficiência mesma do próprio ato de intuir.

Desse modo, o sentimento atrela-se à intuição, a partir da qual a razão encontra recursos para operar a transformação da representação intuída em conceito ou, como Schopenhauer expressa em forma de analogia: "Como da luz imediata do sol à luz emprestada e refletida da lua, passa-se da representação intuitiva, imediata, auto-suficiente e que garante a si mesma, à reflexão, isto é, aos conceitos abstratos e discursivos da razão, que têm seu conteúdo apenas a partir e em referência ao conhecimento intuitivo" (Schopenhauer, 1819/2005, p. 81). E, aqui, vale lembrar que a tarefa da filosofia, para o autor, é justamente erigir conceitos os mais universais e abrangentes possíveis, a partir da interpretação [*deuten*] do mundo; ainda, se o sentimento existe como negatividade, é somente em vista da insuficiência da razão em apreendê-lo tal qual ele se dispõe, ou, como afirma Silva (2021, p. 3): "a vontade, antes de corresponder a uma instância lógica da linguagem, expressa a última marca limite do conhecimento positivo, o que nos leva a uma compreensão negativada da linguagem, cujo paradigma é o sentimento": quer dizer, enquanto limite da expressão possível da linguagem, o sentimento denota aquilo que escapa diretamente a essa modalidade de formulação, e é de grande relevância para a presente exposição destacar a dimensão necessariamente sensível de todo contato com a efetividade, já que o conceito de sentimento refere-se a qualquer modificação da consciência [*jede Modifikation des Bewußtseins*], não pertencendo imediatamente ao modo de representação abstrato. Atentemo-nos mais detidamente a este ponto.

Inicialmente, é fundamental que se tenha em vista que as formas essenciais e universais de todo objeto cognoscível residem *a priori* em nossa consciência, de modo que estas abrangem todo o mundo visível, ou a experiência inteira, ao lado das suas condições de possibilidade. A intuição dos objetos, portanto, “não é como um fantasma, extraído por repetição da experiência, mas tão independente desta que, ao contrário, a experiência tem antes de ser pensada como dependente dela (da intuição dos objetos)”, afirma Schopenhauer (1819/2005, p. 47) visto que as propriedades do espaço e do tempo, conhecidas *a priori* pela intuição, valem para toda experiência possível como leis com as quais, na experiência, tudo tem de concordar. Ou seja: considerados por esta perspectiva, os objetos conhecidos *in concreto* são invariavelmente adequados às formas do tempo e do espaço, formas estas concernentes ao princípio de razão [*Satz vom Grunde*]. Neste ponto, tratamos evidentemente do objeto submetido ao princípio de razão, do conhecer de acordo com as exigências da vontade.

À medida que se torna claro que a figura do princípio de razão rege o conteúdo destas formas (tempo e espaço), evidencia-se concomitantemente sua dimensão perceptível, isto é, a matéria, cuja essência inteira é apenas a causalidade. O ser da matéria, para Schopenhauer, é o seu fazer-efeito [*wirken*]. Sua ação sobre o objeto imediato (o corpo, ele mesmo também matéria) condiciona a intuição, na qual unicamente a matéria existe (Schopenhauer, 1819/2005, p.50). Por conseguinte, o continente de qualquer coisa material é, de maneira bastante acertada, nomeado *Wirklichkeit*, ou realidade, efetividade. Com isto, aquilo sobre o que a matéria faz efeito é sempre matéria. Seu ser, toda a sua essência, enfim, consiste apenas na mudança regular que uma de suas partes produz sobre a outra. Consequentemente, é por completo relativa, conforme uma relação válida só no interior de seus limites, portanto exatamente como o tempo e o espaço. Tempo e espaço que, quando unidos, viabilizam o surgimento da matéria, e com ela a emergência da simultaneidade e da duração (Schopenhauer, 1819/2005, p.52).

Não obstante, podemos nos perguntar, de que maneira essas intelecções nos ajudam a compreender o sentimento? Ora, justamente porque aqui o aspecto subjetivo e viabilizador de todo esse processo intuitivo é finalmente apresentado: por meio da noção de entendimento [*Verständnis*], enquanto correlato subjetivo da matéria, que tem no conhecimento da causalidade sua função exclusiva, sua única força, depreende-se que toda causalidade, portanto toda matéria, logo a efetividade inteira, existe só para o entendimento, através do entendimento, no entendimento. Aquilo que o olho, o ouvido e a mão sentem não é intuição; são meros dados. Só quando o entendimento passa do efeito à causa, dirá Schopenhauer (1819/2005, p. 54) “é que o mundo aparece como intuição, estendido no espaço, alterando-se segundo a figura, permanecendo em todo o tempo segundo a matéria, pois o entendimento une espaço e tempo

na representação da matéria, isto é, na propriedade de fazer efeito”. É desta maneira, então, que o entendimento, a partir dos dados que os sentidos fornecem, produz a intuição, e como, mediante a comparação das impressões recebidas pelos diferentes sentidos do mesmo objeto, aprende-se a intuir. Todo este percurso - conjugado pelas formas do princípio de razão, orientado pela percepção sensível, e organizado pelo entendimento - tem por consequência a emergência da intuição, ou seja, daquilo de que se está consciente intuitivamente. Em outras palavras, daquilo que se percebe como sentimento.

Ao dar este sentido aos dados da sensibilidade e às sensações [*Empfindungen*], que como subespécie de sentimentos, referem-se sempre aos sentimentos corpóreos (Schopenhauer, 1819/2005, p. 100), o entendimento cria a possibilidade de que se conheça intuitiva e representativamente o mundo disposto ao sujeito. As mudanças que os órgãos dos sentidos sofrem de fora, mediante ação que lhes é especificamente adequada, já devem ser nomeadas, de acordo com Schopenhauer (1819/2005, p. 63) como representações, uma vez que existem tão somente para o conhecimento. O Entendimento, assim, conhece a realidade efetiva, a *Wirklichkeit*, sem qualquer auxílio da razão. Para o filósofo, todo este processo que origina o sentimento é *unvernünftig*, irracional, posto que não há qualquer intervenção conceitual ou reflexiva em seu acontecimento.

Pois bem. Até o presente momento, toda a consideração aqui realizada nos conduz a uma visão geral da noção de sentimento, a como este é ocasionado *grosso modo* e de que maneira contribui para a delimitação do que é intuitivo e de sua distinção quanto ao saber. Pelo fio condutor do princípio de razão alcança-se somente o que diz respeito ao fenômeno, que é dependente e relativo, modo de conhecer orientado pela vontade. Há, entretanto, outra possibilidade de consideração da representação, descrita no terceiro livro de *O mundo*, e que diz respeito a uma ocorrência determinada, acompanhada por um sentimento já mencionado no parágrafo 11: o sentimento estético [*aesthetisches Gefühl*]. Tal sentimento, correlato da contemplação do belo, concerne a um modo muito específico de satisfação [*Wohlgefallen*], que não apraz diretamente à vontade, mas, antes, mitiga suas imposições, viabilizando uma transformação tanto na forma possível de apreensão do objeto quanto no próprio sujeito que conhece. É com essas considerações que Schopenhauer abre o parágrafo 38 de *O mundo*:

Encontramos no modo de conhecimento estético dois componentes inseparáveis [*unzertrennliche Bestandteile*]. Primeiro o conhecimento do objeto não como coisa isolada, mas como Ideia platônica, ou seja, como forma permanente de toda uma espécie de coisas; depois a consciência de si daquele que conhece, não como indivíduo, mas como puro sujeito do conhecimento destituído de vontade [*reinen, willenlosen Subjekts der Erkenntnis*]. A condição sob a qual esses dois componentes entram em cena sempre unidos é o abandono do modo de conhecimento ligado ao

princípio de razão, único útil para o serviço tanto da Vontade quanto da ciência. Desses dois componentes do modo de conhecimento estético resulta também a satisfação [*Wohlgefallen*], estimulada [*erregt*] pela consideração do belo [...]. (Schopenhauer, 1819/2005, p.265).

Destarte, a contemplação estética assume contornos epistêmicos em Schopenhauer, viabilizando a apreensão direta da Ideia - forma permanente, situada fora das relações de tempo, espaço e causalidade - fundamental para a compreensão do mundo. É de perspectiva metafísica que a investigação passa, agora, a considerar tais questões, pois a Ideia é sempre grau de objetividade [*objektivität*] da Vontade. Dito de outro modo, entre a essência do mundo e sua aparição fenomênica, é a Ideia que faz a mediação, enquanto objetividade adequada desta Vontade, una, indivisível e irracional. Ora, tal modo de compreensão é necessário ao sistema proposto por Schopenhauer, uma vez que o conhecimento ligado ao princípio de razão é útil exclusivamente para a ciência, para o saber e para a vida cotidiana, mas não para a compreensão do que se dá para além do fenômeno. Como se vê, não é mais meramente o fenômeno que é conhecido na contemplação estética, mas a Ideia mesma. E, se o objeto do conhecimento se transforma, é necessário que o sujeito que conhece também o faça: por isso a noção de puro sujeito do conhecer é evocada, pois à medida que este é *purificado* dos imperativos da vontade e de seu modo de orientação ante o mundo, se lhe torna possível deter-se o mais objetivamente a isto que não se encontra entre outros objetos, mas que é o modelo, o molde [*Musterbild*] para toda a classe de fenômenos que lhe corresponde. Aqui, evidencia-se a necessidade de mediação para se conhecer o que não é diretamente representável – a Vontade.

Assim, toda essa transformação depende do sentimento de satisfação estética, do *Wohlgefallen*, uma vez que é este sentimento que arrancará o sujeito “da torrente sem fim do querer, libertando o conhecimento do serviço escravo da Vontade”, permitindo à atenção não mais direcionar-se aos motivos do querer, mas, “ao contrário, à apreensão das coisas livres de sua relação com a vontade, portanto [...] considerando-as de maneira puramente objetiva” (Schopenhauer, 1819/2005, p. 267). Por meio da mencionada transformação, “a tempestade das paixões, o ímpeto dos desejos e todos os tormentos do querer são, de imediato, de uma maneira maravilhosa, acalmados”, pois, no instante em que, libertos do querer, entregamo-nos ao puro conhecimento destituído de vontade, “como que entramos num outro mundo, onde tudo o que excita a nossa vontade e, assim, tão veementemente nos abala, não mais existe (Schopenhauer, 1819/2005, p. 268). Este é o modo de conhecer próprio ao artista, o sujeito genial, dotado de capacidade de se absorver em tal estado único de contemplação porque justamente, por meio do fantasiar [*Phantasieren*], amplia o horizonte possível de apreensão dos objetos, alargando-o para além de sua experiência pessoal: os objetos efetivos, enquanto exemplares imperfeitos da

Ideia, exigem do gênio o uso da fantasia. O gênio, então, veria nos objetos não somente o que a natureza gostaria que neles se apresentasse, mas o que ela se esforça para expor. O artista trabalha, assim, a partir do simples sentimento e inconscientemente [*aus bloßem Gefühl und unbewußt*] (Schopenhauer, 1819/1986, p. 330).

Com esta circunscrição do lugar que o sentimento ocupa na teoria do conhecimento e na introdução da estética de Schopenhauer, espera-se ter demonstrado, ainda que parcialmente, alguns contornos significativos destas considerações. Antes de passar a Freud, parece importante ressaltar que, em sua psicanálise, não se evidencia, como em Schopenhauer, a intenção de construir uma teoria geral do conhecimento. Contudo, Freud não pôde evitar reflexões acerca do conhecimento possível de seu objeto privilegiado: o funcionamento anímico e sua conformação inconscientes. A metapsicologia freudiana lida com esta questão, de uma perspectiva especulativa, invariavelmente situada para além dos limites da experiência, mas sempre a tendo como referência. E aqui vale lembrar que na *Psicopatologia da vida cotidiana* Freud (1901/2023, p. 351) julgou desejável a transposição da metafísica à metapsicologia.

Desde seus primeiros escritos metapsicológicos, Freud mantém certa ênfase quanto à participação das sensações [*Empfindungen*] na determinação dos acontecimentos subjetivos. Tais ponderações sempre tiveram em seu núcleo a dimensão do prazer e do desprazer, fulcral para o desvelamento do funcionamento psíquico inconsciente. Para compreendê-lo, já no famoso sétimo capítulo de *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2013, pp. 626-628) teve de admitir que o que regula este funcionamento é o esforço por evitar a acumulação de excitação, para se conservar o mais livre possível desta, de maneira que a atividade do primeiro sistema Ψ , o inconsciente, está orientada para o livre escoamento das quantidades de excitação. Esta regulação, feita pelo processo primário, é a única admitida pelo sistema mencionado, e sua primazia é referida ao fato de que essa se faz presente desde o início da atividade anímica – por isso, primária. Ela remete, assim, “ao cerne do nosso ser, constituído de moções de desejos inconscientes” (Freud, 1900/2013, p. 631), onde o desejo, compreendido como corrente psíquica, parte do desprazer e visa o prazer, de modo que nada, afirma Freud (1900/2013, p. 626), exceto um desejo, é capaz de colocar o aparelho psíquico em movimento, e o fluxo da excitação dentro dele é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e de desprazer. São, deste modo, as qualidades do sentir, suas variações e as implicações dessas variações que norteiam a compreensão do psicanalista sobre o aparato anímico.

Deste modo, torna-se possível para Freud (1911/2010, p.111) distinguir a tendência principal a que estes processos primários obedecem: “ela é designada como princípio prazer-desprazer (ou, mais sinteticamente, princípio de prazer [*Lustprinzips*])”. Com estes

apontamentos, tem-se indício da importância que o sentir assume na descoberta do funcionamento psíquico mais profundo, pois revela como a dimensão sensível é determinante na orientação da atividade inconsciente. No texto metapsicológico *O inconsciente*, encontramos, no capítulo *Sentimentos inconscientes [Unbewußte Gefühle]*, a afirmação de que é da natureza de um sentimento que ele seja sentido [*verspürt*] quando se torna conhecido pela consciência [*dem Bewußtsein bekannt wird*] (Freud, 1915/1946, p. 276), afirmação motivada pela indagação sobre a existência de estímulos pulsionais, sentimentos e sensações inconscientes [*unbewußte Triebregungen, Gefühle, Empfindungen*]. Ora, mas como poderia um conteúdo com características inconscientes ser conscientemente percebido? É precisamente isto que Freud tentará aclarar, ao mencionar que a prática psicanalítica está habituada a versar sobre amor, ódio e raiva inconscientes. O que ocorre é o seguinte:

Pode primeiramente suceder que um estímulo de afeto ou de sentimento [*Affekt- oder Gefühlsregung*] seja percebido, mas não reconhecido. Ele é obrigado, devido ao recalque [*Verdrängung*] de sua verdadeira representação [*Repräsentanz*], a unir-se com outra representação [*Vorstellung*], e passa a ser tido, pela consciência, como manifestação dessa última. Se restabelecemos o vínculo correto, chamamos o estímulo afetivo original de “inconsciente”, embora seu afeto jamais tenha sido inconsciente, apenas sua representação sucumbiu ao recalque. O uso das expressões “afeto inconsciente” e “sentimento inconsciente” remete aos destinos do fator quantitativo do estímulo pulsional [*Triebregung*], em consequência do recalque. (Freud, 1915/1946, p. 276. Tradução nossa.).

Primeiramente, destaca-se o fato de que a consciência, ao perceber uma representação ligada a um estímulo afetivo, pode não ser capaz de reconhecer a disposição original dessa conjugação, caso o recalque já tenha agido. Isso desvela, para Freud, a intrincada dinâmica das excitações pulsionais: inicialmente autônomas, buscarão, em sua circulação pelo aparato anímico, um afeto e uma representação para se conectarem, sendo justamente a separação destes dois componentes o efeito mais imediato do recalque. Ao ser separado de sua representação primária, o afeto busca outra representação para se vincular, pois é de sua natureza, em âmbito psíquico, acompanhar uma representação. Isto significa que nos casos em que o recalque inibe o desenvolvimento de certos afetos, estes passam a ser considerados afetos inconscientes. A diferença entre o afeto inconsciente e a representação inconsciente é que essa última continua existindo como formação real no sistema inconsciente, enquanto o afeto não passará de um estado incipiente, impedido de se desenvolver como tal. Diante destas considerações, Freud afirmará que não existem afetos inconscientes *tal como* existem representações inconscientes, ou seja, a forma como passam a existir depois da ação do recalque é completamente distinta. Mas bem pode haver, por outro lado, formações afetivas inconscientes que se tornem percebidas. Toda a diferença, diz o autor, “vem de que representações são investimentos — de

traços mnêmicos, no fundo —, enquanto os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações” (Freud, 1915/2010, p. 86).

Aqui, percebe-se forte confluência entre as noções de afeto e sentimento, de modo que não parece possível, neste texto específico, empreender uma separação cirúrgica entre uma e outra (o que dá prova a frase *Affekt- oder Gefühlsregung*). Ainda, se nos lembrarmos da função primária, de evitação de desprazer e busca por prazer por meio de algum tipo de descarga (dentre as quais se pode pensar em: via motora, alucinação, ação específica etc), pode-se conceber a dimensão afetiva do funcionamento inconsciente, como quer Freud, como esse *quantum* que também sinaliza, ou seja, que assume sentido qualitativo, uma vez que comunica sobre a necessidade de que algo deve ser feito com o acúmulo excitatório. Se algo é sentido, é porque há vinculação entre quantidade afetiva e conteúdo ideativo representacional, o que implica a percepção de algo acompanhado por qualidade psíquica. Ora, desta maneira, o sentimento é o que oferece a possibilidade de se conhecer variações anímicas, das mais elementares às mais complexas, pois sinaliza ao funcionamento primário a necessidade de uma ação mediante o que é sentido.

O âmago do inconsciente, habitado por “representações pulsionais, que querem descarregar seu investimento” (Freud, 1915/2020, p. 93), não é passível de apreensão direta. Nem as pulsões, nem os conteúdos mais primordiais deste cerne anímico podem ser imediatamente alcançados, de modo que a mediação das representações se faz necessária, ainda que essa não seja completamente capaz de abarcar todo o conteúdo comportado pelas profundezas psíquicas e nem o faça perfeitamente. Neste âmago, há ausência de contradição, atemporalidade, substituição da realidade externa pela psíquica e predominância do princípio de prazer (Freud, 1915/2020, p. 94), o que denota uma organização distinta, com parâmetros próprios. Para versar sobre a representação pulsional, por exemplo, Freud lança mão da ideia de uma *Vorstellungspresäsentanz*, que seria o representante ideativo ou representacional da pulsão, e faria o intermédio do pulsional com a representabilidade. Desse modo, o representante da pulsão seria lançado à dinâmica psíquica, e não diretamente a própria pulsão, força constante e incessante que se impõe ao anímico a partir do somático. A pulsão, em si mesma, permanece no campo da irrepresentabilidade.

Quer dizer: há, por um lado, conteúdos inconscientes (representação coisa) passíveis de representação consciente, se associados à palavra (representação palavra), de modo que a consciência perceberia objetos (representações de objeto, resultado da associação entre representação coisa e representação palavra); por outro lado, muitos conteúdos permanecem apenas como coisa no representar inconsciente. Para nosso argumento, é central assinalar a

necessidade da representação como o conceito que faz a interposição entre dimensões mais primordiais do funcionamento psíquico, de modo que há representações inconscientes, mas que não esgotam esse registro psíquico, nem podem em sua totalidade tornar-se conscientes. Ainda que as representações façam a mediação do que não é diretamente apreensível, preenchendo lacunas do conhecimento, o em si dos processos inconscientes continuaria incognoscível (Freud, 1915/2020, p. 94). Ante a tarefa de examinar o que se furta à representação como coisa ou objeto, Freud se lança à tentativa de alcançar as formas que operam e organizam o que há de mais profundo no psiquismo: ainda que o em si anímico imponha dificuldades investigativas, é possível descobrir noções que formalizam a aparição dos fenômenos observados pela psicanálise. Para tanto, a interpretação é posta como método efetivo, uma vez que permite decifrar, e por conseguinte significar, o fenômeno abordado. Neste ponto do presente argumento, a afirmação de Soria (2010, p. 76), de que a interpretação seria este “poder de apresentar o incognoscível intuitivamente e de discursar sobre ele, de conhecer o que está por trás das aparências [*hinter den Erscheinungen*]”, dá suporte à hipótese que quero aqui sustentar.

Por meio deste saber, que é intuitivo justamente porque intenta conhecer algo em que “as regras decisivas da lógica não têm vigência” (Freud, 1938/2013, p. 94), e que exige a sensibilidade do psicanalista para ser revelado; e também interpretativo, posto que se propõe elucidativo do que não é encerrado pela aparência, pois busca o sentido dos fenômenos psíquicos, Freud se vê diante da possibilidade de aproximar-se mais diretamente do que é animicamente essencial. Neste sentido, as especulações teóricas de Freud dão espaço a um procedimento especial de conjectura, de tal modo que o psicanalista, por vezes, se aproxima do poeta ao fazê-lo: “Freud parece colocar no mesmo patamar a especulação teórica e o *Phantasieren*, atividade própria do poeta [*Dichter*]” (Vorsatz, 2019, p. 169), o que significa que, em certa medida, esta atividade poética se torna exemplar, metodologicamente, ao tipo de desenvolvimento teórico a que Freud se vê compelido.

Para aclarar este empreendimento teórico ante o poeta, é importante compreender como Freud (1908/2020, p.64) examina o ofício deste artista: esse seria quem “nos espicaça por meio de um ganho de prazer [*Lustgewinn*] puramente formal, ou seja, estético, o qual ele nos oferece na exposição de suas fantasias.” Por meio deste ganho de prazer, há o “nascimento de um prazer maior a partir de fontes psíquicas ricas e profundas”, onde “todo prazer estético, criado pelo artista para nós, contém o caráter deste prazer preliminar”, de maneira que “a verdadeira fruição da obra poética surge da libertação das tensões de nossa psique”. Há, portanto, efeito estético na fruição artística que mobiliza o que há de profundo animicamente; ainda, por meio deste efeito sensível, o poeta revelaria característica notável em seu ofício, “de reduzir a distância

entre o que lhe é singular e a essência humana em geral” (Freud, 1908/2020, p. 53): por meio da obra poética, é possível acessar elementos fundamentais da dinâmica psíquica. Com isto, o artista seria, para Freud (1911/2010, p.117), aquele que originalmente se afasta da realidade externa por não poder aceitar a renúncia à satisfação pulsional que ela inicialmente requer, concedendo a seus desejos inteira liberdade na fantasia. Ele “encontra o caminho de volta desse mundo de fantasia para a realidade, ao transformar suas fantasias, por meio de dons especiais, em realidade de um novo tipo, valorizadas pelos homens como reflexos preciosos do real”. Este feito só é tangível porque as demais pessoas partilham sua insatisfação com a renúncia exigida pela realidade, e o que entra em jogo aqui é precisamente esta capacidade única, este poder intuitivo e condensador que o fazer poético comporta, de refletir diretamente o que há de universal e organizador na experiência dos indivíduos. Em Freud, o grande exemplo de acesso a conteúdos prototípicos é a saga de Édipo, paradigma da arte como metodologia para construção epistemológica da psicanálise.

Neste ponto, gostaria enfim de encerrar a exposição teórica, para dar espaço a algumas considerações finais, muito breves, sobre o que acaba de ser exposto. Em primeiro lugar, é certamente muito frutífera a possibilidade de aproximação do saber instituído pelo filósofo e pelo psicanalista. O sentir, claramente, assume significações fundamentais para ambos, ajustado às particularidades de seus sistemas: versa sobre a tensão intrínseca à existência do sujeito, à necessidade que o orienta em sua busca desejante por satisfação, e permite, portanto, conhecer tais inclinações; ainda, remete à dimensão representacional, como conceito que deve significar os fenômenos investigados por cada um, e que aponta para a necessária relação entre consciência e sentimento. É fato que o que buscam conjecturar, por intermédio do conceito de representação, é distinto, mas suas pesquisas incontornavelmente ampliam o alcance deste conceito, e acabam por expor seus limites. Diante disso, tanto o filósofo quanto o psicanalista reconhecem na via afetiva e intuitiva o caminho privilegiado para apreensão do que regula a aparição fenomênica do em si de seus pensamentos. Schopenhauer, para iniciar sua perscrutação do efeito estético, aproxima seu argumento do sentimento do belo; Freud, por seu turno, propõe reflexões estéticas para além deste domínio (e aqui, é importante recorrer ao texto *Das Unheimliche*, onde encontramos que: “O psicanalista não restringe a estética à doutrina do belo, mas a descreve como a doutrina das qualidades do nosso sentir” (Freud, 1919/2019, p. 29). Freud, ao adentrar o domínio da fruição estética, considera a libertação das tensões psíquicas, enquanto Schopenhauer fala da supressão da imposição da vontade. A genialidade, para o filósofo, esclarece a capacidade única do artista, enquanto para o psicanalista são os dons especiais desse que merecem atenção. Para fundamentar suas reflexões metapsicológicas, é

através da interpretação do empírico que conceitos reguladores da aparência são alcançados, enquanto Schopenhauer constitui uma metafísica imanente, onde o sentido por trás do fenômeno visível é intrínseco ao aparecer mesmo. Finalmente, é o artista que oferece, para ambos, o modelo de construção de conhecimento exigido por suas investigações, visto que sua relação com a dimensão do sentir e do sentimento privilegia um tipo de conhecimento que interessa e é necessário à filosofia e à psicanálise.

É importante destacar que o anímico de Freud constitui campo muito próprio em termos de intelecção, mas que herda elementos da reflexão filosófica schopenhaueriana: é habitado por pulsões, cuja forma de aparição no psiquismo é a representação-coisa. Por meio da noção de pulsão [*Trieb*], é possível reconhecer a vinculação deste inconsciente com o orgânico, uma vez que a pulsão seria estímulo para a psique, força constante, “proveniente do interior do próprio organismo” (Freud, 1915/2010, p. 53). No entanto, ao abordar o aparelho psíquico como um todo, o autor é bastante claro ao advertir: “Queremos deixar inteiramente de lado que o aparelho psíquico de que aqui se trata também nos é conhecido sob a forma de preparado anatômico, e queremos evitar com cuidado a tentação de determinar o lugar psíquico anatomicamente” (Freud, 1900/2013, p. 564). A aparição do pulsional no anímico se dá em um lugar virtual, cuja base corpórea se faz inegável, de tal modo que não se pode falar em uma rígida separação entre a materialidade do corpo e a virtualidade do campo representacional. Na metafísica da Vontade, por sua vez, afirma Brandão (2008, p. 114), não há “separação entre corpo e alma (sequer há alma), mas antes, uma explicação fisiológica para a capacidade representativa”, onde o representar é “resultado da atividade cerebral e o cérebro [...] objetividade da Vontade”. Representar é um acontecimento que também depende de base orgânica. A relação deste organismo (objeto imediato da experiência) com sua essência (a Vontade), é profundamente demarcada pela mediação das Ideias, e também do fazer efeito incessante do querer primordial: ao construir o terreno filosófico onde todo saber é proveniente e dependente do corpo, que é necessariamente atravessado por tendências inconscientes, Schopenhauer oferece os fundamentos para um tipo específico de investigação, que é apropriada por Freud.

Trata-se, finalmente, de pensar sobre como o conhecimento intuitivo e o sentimento, como seu correlato, são fundamentais para a construção do saber que cada autor pretende erigir e que, se expresso mediante a linguagem que limita o próprio objeto do qual se fala, esta linguagem não pode prescindir de outra qualidade: a de ser arte. Nossa hipótese é que ambas: psicanálise para Freud e filosofia para Schopenhauer, são construídas no limite do discurso e da própria capacidade de representar, e que para contornar essa limitação, os autores encontram

solução muito próxima: apontar a universalidade do que é dito na particularidade dos eventos, tomando o modo como o artista se coloca diante da realidade como exemplar.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, E. **Inconsciente e coisa em si: Schopenhauer entre Kant e Freud**. In: “A filosofia após Freud”. São Paulo: Humanitas, 2008.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Trad.: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

_____. **O infamiliar [Das Unheimlich]**. In: “Obras incompletas”. Trad.: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

_____. **O poeta e o fantasiar**. In: “Obras incompletas: arte, literatura e os artistas”. Trad.: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

_____. **Gesammelte Werke: chronologisch geordnet, zehnter Band**. Londres: Imago Publishing Co., LTD, 1946.

_____. **Compêndio de psicanálise**. Trad.: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

_____. **Formulação sobre os dois princípios do funcionamento psíquico**. In: “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”)), artigos sobre técnicas e outros textos”. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O inconsciente**. In: “Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos”. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MANN, T. **O pensamento vivo de Schopenhauer**. Trad.: Pedro Ferraz do Amaral. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967.

SILVA, L. C. **Unity and universality in Schopenhauer's spherical cosmology**. *Voluntas*, Santa Maria, v.12, Ed. Especial: Schopenhauer e o pensamento universal, pp. 01-12, dez. 2021.

SCHOPENHAUER, A. **Die Welt als Wille und Vorstellung. Sämtliche Werke: Band I**. Stuttgart/Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 1986.

_____. **O mundo como vontade e como representação: I Tomo**. Trad.: Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SORIA, A. C. S. **Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia (Phantasie) em Sigmund Freud**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010.

VORSATZ, Ingrid. **Freud e a ciência da literatura: psicanálise, ciência e poesia**. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v.51, n.1, pp.159-184, jun. 2019.